

Comunidade limpa rio e refaz ambiente no interior paulista

Brotas (SP) — Fotos de Pedro Monagatti

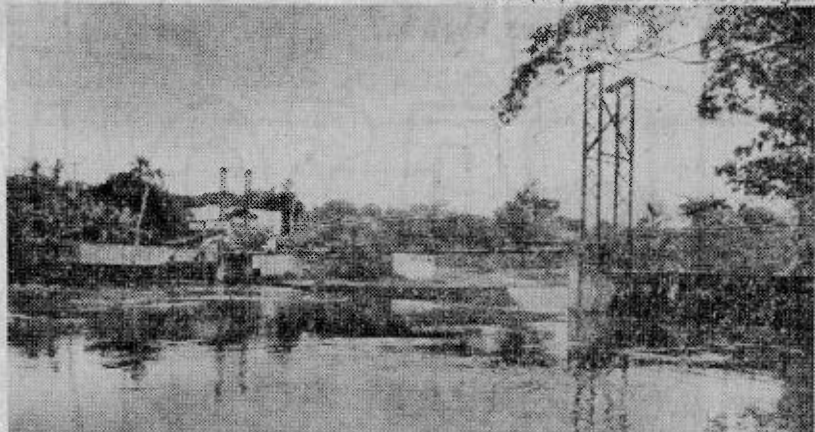
Lina Albuquerque

BROTAS — Capivaras, lontras, patos selvagens, quatis, tamanduás, pacas, e até mesmo os jacarés, que deram origem ao seu nome, estão voltando a povoar a bacia do rio Jacaré Pepira Mirim, cujos 120 quilômetros de extensão banham 13 municípios do interior paulista. Em Brotas, cidade cortada pelo rio a 230 quilômetros da capital, bagres, traíras, mandiúvas, tabaranas, jurupocas e pirapitingas fazem a fartura dos pescadores. "Outro dia meu compadre ganhou do rio um dourado de 12 quilos", diz o barranqueiro Marcílio Ferreira. Há dois anos, quando o processo de recuperação do Jacaré Pepira ainda engatinhava, Marcílio se dava por satisfeito ao fregar alguns miúdos lambaris.

A água limpa que faz a alegria do boiadeiro Marcílio, de 61 anos, é resultado do único consórcio ecológico intermunicipal do Brasil, cadastrado na Lei Sarney, hoje integrado por todos os municípios banhados pelo Jacaré e seus afluentes. O seu sucesso se deve a medidas muito simples como a fiscalização para impedir a caça e pesca predatórias e a devastação da mata ciliar, a vegetação das margens do rio; reflorestamentos com espécies nativas; tratamento de esgotos, e trabalhos de conscientização ecológica das comunidades ribeirinhas e da população.

O surgimento do consórcio, em 1985, decorreu da indignação ecológica dos moradores de Brotas, preocupados com a poluição causada pelo lançamento dos esgotos nas águas do rio, e a erosão resultante do desmatamento intenso nas suas margens. "A primeira providência tomada foi a transferência de uma verba que seria destinada à construção de um ginásio de esportes para o planejamento de uma estação natural de tratamento de esgoto", diz o então prefeito de Brotas, Pedro Luís Ragassi, atual coordenador do consórcio.

Em pouco tempo, a conscientização ecológica tomava conta dos demais municípios — São Pedro, Torrinhã, Itirapina, Dourado, Dois Córregos, Boa Esperança do Sul, Jaú, Bariri, Bocaina, Itaju, Ibitinga e Ribeirão Bonito — que resolveram se unir em torno da preservação do rio Jacaré. Os cargos executivos do consórcio



O Jacaré Pepira voltou a ter seus peixes e bichos

foram ocupados pelos prefeitos. Em cada um dos municípios foram organizados os Conselhos Municipais de Defesa do Meio Ambiente (Comdemas), com a participação dos moradores. Não demorou para que, atraídos pelo projeto, chegassem a região pesquisadores de diversos centros universitários.

Piracema — O geógrafo Mário Mantovani, por exemplo, defende uma tese de doutoramento na Universidade Central da Venezuela, na qual atribui o sucesso do programa à participação comunitária. Um capítulo importante do seu estudo será dedicado à última piracema (subida de peixes nas cachoeiras para a desova) no ano passado: devido ao atraso da chuva, as cachoeiras não formaram colunas d'água suficientemente densas para a subida dos peixes, e os próprios pescadores, orientados pelo Comdema de Brotas, se encarregaram de transportá-los.

Curiosamente, a maior parte dos pescadores que ajudaram a piracema costumava se valer de técnicas predatórias pouco recomendadas, como a rede. Atualmente, só é permitida no local a pesca amadora, com vara. Por sinal, o trabalho de orientação ecológica desenvolvido pelos membros dos Comdemas atingiu até os quadros oficiais do programa. O guarda florestal Luís Carlos Traina, responsável por autuar os infratores na bacia, se confessa um antigo predador. César Lourenção, dono de uma madeireira, por sua vez, foi convidado a participar do Comdema de Brotas, do qual hoje é

presidente, por um ecologista que certa vez o surpreendeu apanhando peixes com tarrafa. Agora ambos dão palestras nas escolas e orientam a população para a necessidade da conservação.

O poder público fez a sua parte. No final do ano passado, 15 mil espécies da mata original foram replantadas no município de Brotas. O reflorestamento das matas ciliares atraiu para a região aves em processo de extinção, como as jacutingas de plumagem preta. O consórcio estabeleceu também uma medida para restringir a devastação da mata em torno do rio. Segundo o coordenador Ragassi, quem desejar agora cortar uma árvore precisa antes encaminhar um requerimento à prefeitura. E se o pedido for aprovado, terá de plantar cerca de 10 espécies em locais determinados pelos Comdemas. "Isso já é um exagero", reclama o comerciante Ernesto Galhardo, multado por desprezar a norma.

O comandante da Polícia Florestal, Lorival Porfírio, está contente com os resultados do programa, mas apreensivo com a superpopulação de capivaras — antes do consórcio, elas corriam sério risco de extinção. Além de serem protegidas, proliferaram também pelo desaparecimento da onça, o seu inimigo natural. Há notícia, no entanto, de que onças pintadas estão reaparecendo discretamente na região. "Se a população dos roedores não voltar a se equilibrar", diz Cesar Lourenção, presidente do Comdema, "teremos de promover um churrasco ecológico em nome do Jacaré Pepira".



A água limpa resulta do único consórcio ecológico intermunicipal do Brasil

Aguapé, um filtro da natureza

BROTAS — Guloso de poluentes, o aguapé, uma planta aquática originária da Amazônia, poderá se tornar um dos principais aliados na preservação do rio Jacaré Pepira Mirim. Há um mês e meio, todo o esgoto dos 16 mil habitantes de Brotas, recebe o tratamento do aguapé antes de ser lançado no rio. Se a experiência der certo, os outros municípios adotarão o projeto.

"Com o custo de um único emissário convencional, à base de processo químico, podemos construir todas as estações de aguapé necessárias", diz o coordenador do consórcio, Pedro Luís Ragassi. No entanto, para o responsá-

vel pela sua implantação em Brotas, o engenheiro agrônomo e pesquisador científico aposentado do Instituto de Pesca da Secretaria da Agricultura, Nelson de Souza Rodrigues, as vantagens do aguapé vão muito além. "Ele também pode ser aproveitado na produção de combustível e adubo, e na alimentação de animais e peixes", afirma.

A estação de esgoto por ele projetada é constituída por uma caixa de decantação, onde o material grosseiro é inicialmente retirado; uma lagoa em que as impurezas começam a entrar em processo de decomposição pela ação dos raios solares; e, finalmente, três canaletas de 10 metros de comprimento, onde o aguapé realiza a fitodepuração final, ou seja, a despoluição hídrica através da passagem da água impura por suas células. Nas regiões mais poluídas, as suas raízes são menores, prolongando-se para melhor captarem o

alimento à medida que as áreas são purificadas. Em águas de pouca impureza e geralmente no final das canaletas as estações de tratamento, a planta produz uma flor lilás de aparência frágil e semelhante a orquídea, à fim de preservar a espécie.

O grande poder de proliferação do aguapé, porém, tem preocupado os cientistas. "Para que ela não invada áreas úteis, 30% de sua parte aérea devem ser retiradas pelo menos uma vez por mês", diz Nelson de Souza Rodrigues. Da mesma forma, não é aconselhável o plantio de mais de 100 aguapés por metro quadrado. Ele também favorece a existência de cobras e formação de focos de insetos. "É uma planta para o homem do ano 3000", diz o engenheiro. "Mas para usufruirmos dos seus benefícios, precisamos antes estar atentos aos cuidados da manutenção, caso contrário o aguapé torna-se sinônimo de praga." (L.A.)